

Dramaturgia em jogo

por Carminda Mendes André³¹

No Pão de Açúcar
De cada dia
Dai-nos Senhor
A poesia
De cada dia

Escapulário. Oswald de ANDRADE.

Escapulário quer dizer manto santo. Pode significar devoção, fé, presença de espírito, mistério. Em minha imaginação de mulher ouço, em tom de troça, nosso satírico “Oswaldo” colocar seu manto e se pôr a rezar. Professar sua fé de poeta parafraseando a oração de Santo Expedito, o popular *Pai Nosso*, com o poema acima.

Esse poema me faz pensar que, ao ir ao teatro “de cada dia”, a dramaturgia em cena que aprecio é poesia cozida por palavras, gestos e movimentos escolhidos do cotidiano. É constituída por efemeridades, portanto. O gosto do poema e do teatro me move para a seguinte questão: estou à mesa com a história ou com aquela que já foi, sem ser mais, chamada de estória? Com a realidade ou com a ficção?

Ambos, talvez?

³¹ Professora doutora do Departamento de Artes Cênicas, Educação e Fundamentos da Comunicação do Instituto de Artes e do curso de pós-graduação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp).

O que posso dizer é que aquilo que aprecio como arte pode ser história quando isso que se apresenta encarna um sabor, um sentido para mim; mas teatro pode ser também ficção quando me transporta para o ritual festivo, para os saraus dos poetas.

Essa ambivalência do acontecimento poético, esse banquete não me parece apenas metáfora; essa dramaturgia me induz a nela pensar como *signo aberto*. Ou seja, a imagem da comilança é figura de linguagem que *se faz sentido* unicamente para quem participa do banquete. Isso é o que posso entender por dramaturgia hoje. Signo e sujeito em luta: é o que posso chamar de experiência.

Em aula, penso que se pode oferecer e inventar signos artísticos que transbordem o espaço e o tempo da aula. Gosto de pensar em um teatro que já não pode ser somente imaginação ou expressão emotiva de sujeitos; um teatro que não se origina dessa invenção moderna chamada *indivíduo*. No entanto, *sonho* com teatros que se tecem com fragmentos de histórias oferecidos por sujeitos que, em sala de aula, se dispõem à transformação em poetas.

A dramaturgia, que se mostra como possível em sala de aula, talvez seja constituída por uma batalha entre imaginação e vida que, em seu clímax, pode gerar uma alta tensão entre os termos e produzir, como efeito, fagulhas, queimando as máscaras sociais de quem participa, enlouquecendo os termos da problemática. Nesse ritual, perde-se a ordem sintática da linguagem instituída no cotidiano, e o movimento sugerido caracteriza-se, sobretudo, em um mergulhar-se no mistério para se tecer a linguagem novamente.

O texto que daí resulta seria um traço, um sinal de presença dessa fogueira enlouquecedora. Penso que essa luta pode nos retirar das significações instituídas e mergulhar as palavras, as coisas e os sujeitos no caótico e nos colocar diante do mundo como multiplicidade, do mundo como complicação, nos apresentar o mundo em desordem, corpos indisciplinados; colocar-nos no *instante antes* das formações identitárias.

Sempre peço aos estudantes com os quais trabalho que tragam *hai-kais*. O jogo proposto é sempre o mesmo: divididos em grupos, eles escolhem um poema e realizam uma ação em que o “texto

falado” deve corresponder ao *hai-kai* escolhido. Evito a palavra “cena” na medida em que, atualmente, ela pode direcionar a criação para um certo modo de fazer teatro, por isso troco-a por “ação” ou por “signo”.

Pintou estrelas no muro
E teve o céu ao
Alcance das mãos.³²

Este *hai-kai* foi trazido, em 2009, por um dos estudantes cujo nome não me lembro agora. A dramaturgia daquele dia constituiu-se de micropeças, cada uma acontecendo em lugares diferentes da faculdade, cada uma exigindo atitudes diversas dos espectadores. Dessa poesia emergiu um jogo cênico interativo em que éramos colocados enfileirados como em uma sala de aula convencional; recebíamos papel e lápis, mas éramos amarrados pelas mãos com fita-crepe. O professor-personagem ficava em uma mesa em frente a nós, à esquerda, como que vigiando para que não nos comunicássemos uns com os outros. Estávamos fazendo uma prova? De repente, jogadores travestidos de personagens-alunos começavam a murmurar algo, em princípio inteligível e que, ao final, revela-se o poema. Alguém se liberta das amarras e desenha, com a mesma fita que nos amarrava, uma estrela no quadro negro à nossa frente. E assim, por arbítrio, completávamos o quadro. Naquele dia, “pintamos a via Láctea atravessada por um cometa”.

Procuro levar estímulos geradores para cada aula, signos que possam priorizar os estudantes em sua posição de sujeitos do conhecimento, e gerar acontecimentos e sinais dessa experiência. Quando consigo tocá-los, a aula toma, assim, o caráter de *evento*. A aula começa e termina, mas, de certa forma, não tem origem nem finalidade; a aula poderia ter continuado, é processo, mas não é, necessariamente, a continuidade da aula anterior nem a causa da seguinte. Quem faltou àquela aula não “perdeu matéria dada”, apenas deixou de vivenciar algo.

³² Helena Kolody. *Poesia mínima*. Disponível em: www.kakinet.com/caqui/kolody.php.

Cada vez mais, tendo a pensar que o *drama* que podemos *montar* em sala de aula pode não representar a realidade; mas, com elementos da vida, inventar a própria realidade da aula. O *drama* que daí emerge é regido pelo signo do acontecimento; portanto, não pode ser repetido ou transmitido. Podemos documentá-lo por meio de traços e sinais que a experiência vivida imprimiu no coletivo naquele dia. A isso se pode dar o nome de *texto*. Mas não se trata da representação da realidade ou de parte dela. Nesse tipo de abordagem a realidade não existe como dado, não é pré-existente aos sujeitos; a realidade é resultante da experiência.

Há pouco tempo, como impulso gerador de dramaturgias, pedi aos estudantes que se dividissem em grupos e inventassem signos artísticos que envolvessem o espectador, signos que pudessem gerar trocas entre jogadores e transeuntes. O objetivo era inventar signos e trazer para a sala de aula a experiência da troca. Vou contar apenas parte da dramaturgia daquele dia para que se consiga ter uma imagem do que tento mostrar.

Na rua, um grupo abordava o transeunte de modo a pedir-lhe um abraço. Em sala de aula, foram relatados os momentos que o abraço se deu e os momentos que não houve a aceitação do abraço como troca.

Outro grupo construiu uma “banca tipo camelô”, colocou alguns bombons em cima e escreveu embaixo algo do gênero: conte-nos uma história e ganhe um bombom. As pessoas deveriam contar algo relevante que lhes havia acontecido ou inventar uma narrativa interessante; em troca, receberiam um chocolate. Em sala foram narradas as histórias daqueles que se arriscaram a participar da brincadeira.

Onde está o teatro? Na rua? Na sala?

Em um segundo momento do curso, acrescentou-se outra barraquinha ao lado da primeira. Neste caso, com os dizeres: escute uma história e ganhe um bombom.

Sem negar o teatro dramático que objetiva certo parâmetro do bem falar, da boa postura corporal, da narrativa pensada minuciosamente; sem negar a construção da chamada “leitura de mundo”, entendendo-o como totalidade, que pressupõe um princípio de realidade comum a todos, e de um real existente independente dos sujeitos; sem negar esse pensamento herdado, *sonho* haver outros referenciais para se fazer arte em sala de aula.

Gosto de pensar em uma “aula de teatro” para além ou para além da cena dramática, tudo para explodir as fronteiras das especialidades das ditas linguagens artísticas. Tudo para embaralhar essa categorização instituída. Não para negá-la, mas para retomar a problemática que gerou tais categorias; que gerou, por exemplo, a concepção de dramaturgia moderna, de teatro dramático, de arte moderna, de fenômeno teatral. Tudo para reapresentar o princípio da festa.

Hoje me inclino a trazer signos que turvem as ideias totalizantes de mundo, que transformem o mundo em um lugar sem ordem, em fundo misterioso da vida. Mergulhados no infinito e no informe, as intenções são as de movimentar o coletivo em sala, do qual faço parte também, a reescrever o valor das coisas que nossa condição histórica nos permite ver e a reinventar subjetividades que os limites da experiência nos possibilitou viver.

Nessa perspectiva – que pensa a cultura como proposição para o enfrentamento diante do nascimento e da morte, enfrentamento diante do caos – tendo a pensar que a categorização das artes é resultante histórica de certo modo de abordar o problema do misterioso. A categorização, tal como a utilizamos atualmente, tornou-se um modo de explicar o mistério da criação, um modo, portanto, de sublimar o dionisíaco dos seres e das coisas; tornou-se um modo específico de fixar os resultados em identidades, e essa ação camufla o misterioso da vida. O que procuro com os estudantes é propiciar a reencarnação da problemática gestora de tais categorias e usos.

Embragada pelos enunciados de que a arte pode ser acontecimento e a realidade, invenção histórica, *deliro* com a ideia segundo a qual a dramaturgia que podemos colocar em jogo, em sala de aula, é história; de que a dramaturgia pode ser reflexão sobre ética, e que o *drama* daí emanado pode ser *ocupação* do espaço com o espaço da vida, *presença* no tempo com o tempo da aula.

E a dramaturgia que daí resulta? Torna-se memória, no sentido apresentado na fala de Luiz Carlos Moreira, na palestra do primeiro dia de evento. Segundo Moreira, o que temos como dramaturgia são vestígios de experiências; é linguagem inacabada.

Não posso ensinar como construir um signo artístico, pois

penso que isso seja fruto do embate entre o si mesmo e a diferença: é devir. Pelo mesmo motivo, não posso ensinar um estilo, não posso ensinar uma estética. Entendo também que os estudantes já carregam conceitos de arte aprendidos socialmente. Desse modo, desincumbo-me de ensinar “O que é teatro?” para os estudantes. O máximo que tenho às mãos são signos – artísticos ou não – capazes de movimentá-los (ou não) para revelar suas concepções de arte, de cotidiano, de ética, de política, de sexualidade e tudo o mais que daí possa vir à tona.

Quando algo acontece e voltamos ao tempo ordinário, ou seja, quando terminamos a aula, o que resta são apenas cinzas de pedaços de nós mesmos. Não há conteúdo acumulado. O que vivenciamos pode não servir para apurar a técnica do ator, pode não ajudar na composição da personagem de um texto já escrito, como pode não chegar a um signo que apreenda a experiência vivida.

No entanto, às vezes, terminamos o evento com a sensação de ter ocupado o espaço e de ter estado presente no tempo e de termos nos apropriado dessa história, que é a aula, e que pode ser nossa própria história. É esse o saber que tento compreender atualmente, é essa a dramaturgia que venho tentando realizar em sala de aula atualmente...